

AMOR À BEIRA-MAR

Mini Romance



Mariane Oliveira

- Aviso Legal e Direitos Autorais

Este conteúdo foi idealizado e desenvolvido pela autora Mariane Oliveira e encontra-se protegido pelas leis de direitos autorais. É expressamente proibida a cópia, reprodução, distribuição, venda ou qualquer forma de comercialização deste material sem autorização prévia e por escrito da autora. Todas as informações, métodos, exemplos e orientações aqui apresentados são fruto de sua mentoria, com apoio de inteligência artificial apenas para revisão e melhoria textual, por meio da plataforma de sites WebNode. Ao acessar este conteúdo, você declara estar ciente de que qualquer uso indevido poderá resultar em medidas legais cabíveis, preservando a integridade e originalidade do trabalho da autora.

As imagens de fotos foram selecionadas na plataforma de design gráfico [Canva.com](https://www.canva.com), apenas para fins ilustrativos. As pessoas mostradas nas imagens não são modelos.

Este romance nasce do desejo de explorar aquilo que raramente cabe nas conversas do dia a dia: os silêncios entre uma palavra e outra, as escolhas que fazemos quando ninguém está olhando e as pequenas coragens que, somadas, mudam o rumo de uma vida.



Na pequena cidade costeira de Vila Serena, onde o cheiro de sal se misturava ao aroma de pão recém-assado, vivia Clara, uma jovem que acreditava mais em livros do que em finais felizes. Todas as manhãs, ela abria a porta de sua pequena livraria, ajeitava as flores na vitrine e se perdia entre páginas amareladas, certa de que o amor era algo bonito demais para acontecer com ela.

Em uma tarde chuvosa de outono, um estranho entrou, sacudindo o guarda-chuva encharcado. Chamava-se Miguel, fotógrafo de viagens, acostumado a partir antes de criar raízes. Ele buscava um mapa antigo da região, mas encontrou, entre prateleiras estreitas, o olhar tímido de Clara. O primeiro sorriso foi desajeitado, quase um pedido de desculpas pela coincidência de estarem ali, presos pela chuva e por uma curiosidade silenciosa.

Enquanto a tempestade dançava do lado de fora, eles conversaram sobre livros, lugares distantes e medos que raramente eram confessados em voz alta. Clara falava com brilho nos olhos sobre histórias que nunca saíam do papel; Miguel, sobre horizontes que pareciam sempre chamá-lo para longe. Quando a chuva cessou, ele já não tinha tanta pressa de ir embora, e ela já não tinha tanta certeza de que o amor era apenas coisa de ficção.

Nos dias seguintes, Miguel passou a voltar à livraria, sempre com uma desculpa nova: um livro que precisava devolver, uma recomendação de leitura, uma foto da cidade que queria mostrar. Aos poucos, a rotina de Clara ganhou cores diferentes. Eles começaram a caminhar pela orla ao entardecer, colecionando pôr do sol como quem colecciona promessas. Ele fotografava o mar; ela, em silêncio, fotografava cada gesto dele na memória.

Mas o inverno se aproximava, e com ele o próximo trabalho de Miguel em outro país. A data da partida pairava sobre os dois como uma nuvem que se recusa a chover. Numa noite fria, sentados no deque de madeira, ele confessou o medo de ficar e perder a liberdade, enquanto ela admitiu o pavor de se entregar e, depois, ficar sozinha. O vento parecia segurar o fôlego, esperando a decisão que mudaria tudo.

Na véspera da viagem, Miguel entrou na livraria com uma mala pequena e um envelope nas mãos. Entregou a Clara um caderno de capa azul-marinho, cheio de páginas em branco. "Para você escrever a nossa história, se quiser", disse, com a voz trêmula. Ela sorriu, mas os olhos se encheram de lágrimas. Não pediu que ele ficasse; apenas agradeceu, como quem se despede de um sonho bonito demais para durar.

Quando a porta se fechou atrás dele, o silêncio pareceu definitivo. Clara passou a noite em claro, folheando o caderno vazio, ouvindo o mar bater nas pedras como um coração impaciente. Ao amanhecer, tomou uma decisão que nunca imaginou ter coragem de tomar. Escreveu, na primeira página: "Capítulo 1: O dia em que eu decidi não ter mais medo". Em seguida, trancou a livraria, pegou o primeiro ônibus para a capital e, de lá, o primeiro voo para o destino de Miguel.

Horas depois, em um aeroporto movimentado, Miguel esperava o embarque, convencido de que tinha feito a escolha certa ao partir. Até ouvir seu nome, não pelo alto-falante, mas pela voz que ele mais temia esquecer. Clara estava ali, ofegante, com o caderno azul apertado contra o peito. "Se você ainda quiser liberdade", disse ela, "podemos ser livres juntos. Eu só não quero mais ser livre de você".

Ele riu, meio incrédulo, meio aliviado, e a abraçou como quem finalmente encontra um lugar para ficar.

Cancelou a passagem, trocou o bilhete por outro, com destino de volta a Vila Serena. Decidiram viajar, sim, mas sempre com a certeza de que teriam um ao outro para voltar. A livraria virou também galeria de fotos; as paredes se encheram de paisagens distantes e de retratos discretos de mãos dadas, olhares cúmplices, sorrisos que não cabiam em molduras.

Com o tempo, Clara escreveu o livro que sempre sonhou, inspirado na história que vivia todos os dias. Miguel, por sua vez, descobriu que a maior aventura não estava em cruzar fronteiras, mas em aprender a ficar. E, todas as noites, quando fechavam a porta da livraria, caminhavam até o mar para assistir ao pôr do sol, agradecendo em silêncio pela chuva de outono que, um dia, os obrigou a se abrigar no mesmo lugar.

Porque, no fim, eles entenderam que o amor não é um final feliz pronto, mas um capítulo que se escreve a dois, todos os dias, com coragem, paciência e a delicada certeza de que vale a pena ficar, mesmo quando o mundo inteiro insiste em chamar para longe.



CLIQUE E
COMPRE
EBOOKS

CONTINUE
COMPRANDO

